

"Uma das consequências da 'Operação Produção' será o desenvolvimento do português"

«Uma das consequências da 'Operação Produção' será o desenvolvimento do Português como língua de unidade nacional» — declara, em entrevista a «O Jornal», em Lichinga, o coronel Sérgio Vieira, governador do Niassa, ex-ministro da Agricultura e ex-governador do Banco de Moçambique.

Tão como um dos «duros» da Frelimo, Sérgio Vieira é um dos principais defensores e ideólogos da «Operação Produção», cujas causas e consequências políticas e culturais analisa nesta entrevista a «O Jornal».

Desde o recente IV Congresso da Frelimo que o coronel Sérgio Vieira foi transferido da pasta da Agricultura para a presidência do governo do Niassa. Os seus antecedentes agrícolas e a experiência colhida durante a luta de libertação — onde se destacou — têm-lhe permitido pôr em prática, a partir de Lichinga, uma dinâmica nova na mais rural de todas as províncias moçambicanas.

E a efervescência nota-se, logo aos primeiros contactos com a realidade do Niassa. Efervescência que também, e sobretudo, é produto de um «fenómeno» chamado «Operação Produção».

«Queremos urbanizar o campo»

Sérgio Vieira explica-nos a «Operação Produção»: «Há um primeiro aspecto relacionado com o desenvolvimento da Niassa província: somos 16,5 por cento do território nacional e

apenas temos 545 mil habitantes. Assim seria impossível uma exploração correcta dos nossos recursos, com tão pouca população. Este afluxo de gente, por efeito da 'Operação Produção', vem-nos permitir um pouco mais de divisão social do trabalho e, por consequência, uma maior produção.

O segundo aspecto desta operação é a materialização da unidade nacional. Dizer 'abaixo o tribalismo e o racismo' era fácil... Hoje é toda uma complexidade de Moçambique que se vai reflectir no Niassa.

Terceiro aspecto: passamos a um confronto salutar, que é um estímulo — são os hábitos alimentares do Niassa que se vão confrontar com boas, ou más, tradições de outras zonas do país. Isto vai permitir uma variação significativa da dieta alimentar. Há todo este impulso que a médio prazo se vai reflectir na qualidade de vida. No Niassa diz-se que não há fome em quantidade... Queremos, também, que não haja fome em qualidade. Culturalmente, há

novas tradições que vão alargar os horizontes culturais da província.

Quarto aspecto: o grosso dos ex-improdutivos é proveniente de zonas urbanas, que têm toda uma dose de aspectos negativos e positivos. Mas a nossa perspectiva é urbanizar o campo e não mantê-lo primitivo, entregue ao conservadorismo que é próprio das zonas rurais do interior. Podemos assim, e para já, avaliar impactos positivos da 'Operação Produção'.

«Um Português em crescimento»

Urbanizar o campo. A ideia é polémica. Sérgio Vieira é um homem polémico. Quando lhe perguntamos se não acha, que, a longo prazo, vão desaparecer, no Niassa, as línguas autóctones, originais, o governador responde, calmamente:

«Todas as línguas que não evoluem morrem. A vida de uma língua está na vida da sociedade. Uma das consequências da 'Operação Produção', a este nível, será o desenvolvimento do Português, como língua de unidade nacional. Mas daqui a uns anos, qual será esse Português? Será um Português diferente, em crescimento, talvez contra a vontade dos puristas.

Assim se materializa a unidade nacional. Trata-se de uma nova etapa da formação



Sérgio Vieira «Operação produção materializa a unidade nacional»

da Nação moçambicana, que resulta da conjugação de vários factores: o fenómeno colonial; a luta de libertação sob a direcção da Frelimo, que criou uma comunidade de identidade histórica; a mistura de gentes, de culturas, de esforços. No caso de Moçambique não é sob a hegemonia do feudalismo e do capitalismo que se forma a nação, mas sim sob a hegemonia das classes trabalhadoras.»

A «não-herança» do Niassa

E quais as principais dificuldades do Niassa? Sérgio Vieira faz uma pausa, um silêncio in-

terrupto, para nos responder, lacónico: «A herança...»

Explica: «Nesta província desenvolveu-se o colonialismo indirecto. A maior parte do território do Niassa não teve presença colonial clássica. Havia um colonialismo indirecto que se fazia através dos feudais. Havia distritos em que nunca houve escolas e hospitais. A maior parte das estradas foi construída por nós. Havia distritos que não existiam. As escolas e os hospitais fomos nós que construímos. Portanto, quando eu falo de herança, o que temos de falar é de não-herança. Mas, mesmo assim, não temos ainda uma rede de estradas e

de comunicações correcta. De qualquer modo, temos perspectivas importantes em minérios. A exploração pesqueira era nula. Enquanto que o Malawi tira 50 a 60 mil toneladas de peixe do lago, nós tiramos uma ninharia. A exploração agrícola era de colonos. A Matama tinha dantes para si uns 100 hectares. As potencialidades da região — soja, feijão, trigo, batata, hortícolas — nunca foram tocadas. Fazia-se uma ligeira exploração de algodão na zona sul do Niassa. Eramos virgens na exploração pecuária.»

Jazigos de carvão, urânio e ferro

Fazer do Niassa um modelo... Urbanizar o campo, como diz Sérgio Vieira, mas fazer da base agrícola o principal meio de desenvolvimento da província. Recuperar o tempo perdido. Mas investir, também, noutras áreas de actividade.

«Estamos a criar uma rede hidroeléctrica para criar pequenas indústrias e, mais tarde, a indústria mineira e de transformação. A indústria da pesca é uma potencialidade a médio prazo. Já foram localizados importantes jazigos de carvão, urânio e ferro e ainda estamos a começar o trabalho de prospecção. Temos uma excelente base para uma indústria madeireira. Concluímos e inaugurámos, agora, a primeira barragem hidroeléctrica, em Lichinga, que já funciona. Temos um plano para uma segunda barragem na zona sul e temos planificadas, para este quinquénio, mais quatro barragens.»

Apesar deste trabalho de desenvolvimento e desta dinâmica de construção no Niassa não se apenas «obra» do actual governador provincial foca só está em Lichinga desde Maio deste

ano), o certo é que o presidente Samora Machel pretendeu escolher, para este cargo estratégico, um homem «duro», de «pulso de ferro» (como é conhecido), capaz de pôr as «coisas» a «mexer» em pouco tempo.

A universidade da guerra

Sérgio Vieira, coronel das Forças Armadas Populares e membro do comité central da Frelimo, personalidade carismática desde a luta de libertação, é considerado um «intelectual revolucionário», um homem que, constantemente, retira «lições» da aplicação prática do marxismo à realidade moçambicana, partindo para novas análises do fenómeno Moçambique.

«A única formação que tive — diz a «O Jornal» — foi a guerra, desde o início, desde 1962! A guerra de libertação ensinou-nos muito. Ensinou-nos, sobretudo, uma metodologia correcta do trabalho das massas e do esforço de desenvolvimento das massas trabalhadoras.

A guerra ensinou-nos a superar dificuldades e não a enfrentá-las como barreiras intransponíveis. Ensinou-nos a saber canalizar a potencialidade de um povo organizado e determinado. Neste sentido, para toda a minha geração, a guerra foi uma grande universidade. Mas não veja nestas palavras o elogio da guerra.»

Sérgio Vieira, governador do Niassa. Um «duro» que também é poeta. «Também Memória do Povo» é o título do seu primeiro livro, a ser editado dentro de poucos dias em Moçambique e em Portugal, ao abrigo de um acordo com o Instituto Português do Livro. Ainda e sempre a «universidade da guerra», mas não o elogio.